



José Régio

OBRA COMPLETA

TEATRO

II

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

ALBERTO

SECRETARIA DE CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGACIONES
LINGÜÍSTICAS E LINGÜÍSTICAS

Título: Teatro
Vol. II

Autor: José Régio

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Branca Vilallonga
(Departamento Editorial da INCM)

Capa: reprodução de desenhos de José Régio

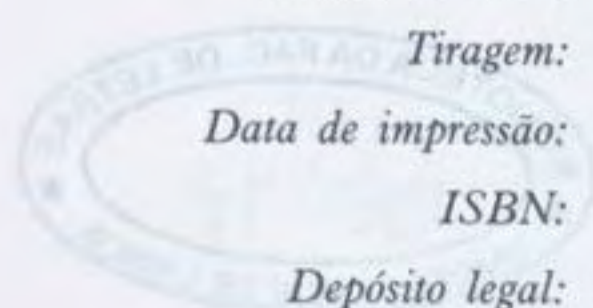
Revisão do texto: Levi Condinho

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Novembro de 2005

ISBN: 972-27-1418-X

Depósito legal: 225 680/05



José Régio

TEATRO

II

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2005

A SALVAÇÃO DO MUNDO

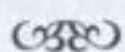
TRAGICOMÉDIA EM 3 ACTOS

ACTO PRIMEIRO

A SALVAÇÃO DO MUNDO

PERSONAGENS:

PEDRO I DE TRASLÂNDIA
RAINHA-MÃE
A AIA
PRIMEIRO-MINISTRO
CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO
CHEFE DO PARTIDO DEMOCRÁTICO
CHEFE DO PARTIDO EXTREMISTA
SECRETÁRIO PARTICULAR
JERÓNIMO
PROFETA
MESTRE FLORÊNCIO
MANUEL FILÁUCIAS
MIRITA
GANDAIA
VELHO OPERÁRIO
NECAS
MOCHO
PIPOCAS
BIBI
JORNALISTA
CARANGUEJO



ACTO PRIMEIRO

A acção decorre no reino imaginário de Traslândia. Supõe-se que na actualidade. Todos os figurantes vestem, pois, à moda actual, e

consoante a sua categoria, excepto os cuja indumentária particular for indicada nas rubricas. A cena representa uma sala no palácio do rei Pedro I de Traslândia. Ao fundo, uma grande janela de balcão dá para a mais vasta praça da cidade. Larga porta à direita, quase toda escondida por alto e pesado reposteiro, e que liga com os aposentos particulares do rei. Não longe, mas o suficiente para dar fácil passagem, uma luxuosa mesa de trabalho. Outra porta à esquerda, em frente da primeira; mas descoberta, entre bandas dum reposteiro igual. Convém que tanto a altura como a largura da janela, portas e reposteiros, sem serem desmedidas, criem, no entanto, uma atmosfera de excentricidade. Arranjo muito sóbrio e rico de toda a quadra. Ao subir o pano, Pedro de Traslândia, de costas para o público, fala, à varanda, para a multidão reunida lá em baixo. Um alto-falante torna distintas as suas palavras a todos os ouvintes (inclusive os da plateia). O Chefe do Partido Aristocrático, o Chefe do Partido Democrático e o Chefe do Partido Extremista, convidados a ouvir o discurso do rei nos seus mesmos aposentos, estão sentados em amplos maples. Começando a falar, cada um destes três homens representativos falará dum modo muito seu próprio, e que se manterá durante toda a peça. O ideal seria que um espectador cego distinguisse cada um deles não só pela voz, como pela sua maneira característica de falar. Ao fundo, perto do rei, de pé, está o seu ex-Aio, presentemente seu Primeiro-Ministro. A seu lado, o Secretário Particular.

PEDRO DE TRASLÂNDIA (*terminando o seu discurso*) — Julgo ter-vos dito o principal do que havia a dizer! Agora, uma coisa vos peço: Não foram palavras ocas, nem frases para vos arrastar ou iludir, o que ouvistes da minha boca. Há longos meses medito o que vos hoje disse. Bem vistes, não hesitei em reconhecer os meus erros; e bem sei como há entre vós inimigos da coroa, que contra mim aproveitarão a mesma lealdade das minhas palavras. Tampouco poupei os mais solícitos servidores do Estado. Quis, nesta hora gravíssima não só para a nação mas para o mundo, falar-vos com palavras de inteira boa fé. Suceda o que suceder, não esqueçais o que vos hoje disse o vosso rei. Mas creio que o não esqueceréis! pois este momento é ainda mais grave do que o

podereis conceber, e talvez os acontecimentos posteriores ajudem a gravá-lo na vossa imaginação. Não me queirais mal, que eu sempre só vos quis bem, até quando errei contra vós. Retirai-vos em boa paz, e Deus proteja o reino de Traslândia.

(Faz uma pequena vénia, retirando-se um pouco para dentro. Explode, lá em baixo, uma ovação imensa, que terá de chegar à plateia com o devido volume. Sem poder afastar-se logo da varanda como pretendia, Pedro de Traslândia é obrigado a agradecer várias vezes. Quando pode retirar-se, vem sentar-se à mesa de trabalho. Mas a sua atitude forma, por momentos, completo contraste com a anterior: agora, é de abatimento e cansaço. Faz um pequeno gesto ao Secretário, para que feche as vidraças. Este obedece. Mal o rei entrou, os Três Chefes levantaram-se. Há um silêncio no palco, durante qual ainda se ouve rumor da multidão lá em baixo, dispersando.)

PEDRO DE TRASLÂNDIA *(recompondo-se um pouco, levanta os olhos para os chefes)* — Gostaram, não achais?

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — Como não haviam de gostar? Vossa Alteza preparou muito bem o seu discurso.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Não lhes confessei que o medito há meses? E tu..., gostaste?

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — Bem sabeis que não poderia, senhor. Perdoai! não creio que se deva adular as massas.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Bem pouco me compreendeste, se julgas que me propus adulá-las. *(Volta-se para o Chefe do Partido Democrático.)* E tu?

CHEFE DO PARTIDO DEMOCRÁTICO — Também sabeis que também eu não posso ter gostado.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Também crês que me propus lisonjear os meus ouvintes?

CHEFE DO PARTIDO DEMOCRÁTICO — Não é disso que se trata, senhor. Mas continuamente é preciso esclarecê-los, a esses ouvintes.

tes. Ora o discurso de Vossa Alteza foi demasiado sincero. Parece-me que Vossa Alteza se colocou num plano que ao povo não interessa. Ninguém compreendeu aonde Vossa Alteza queria chegar.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Mas gostaram!

CHEFE DO PARTIDO DEMOCRÁTICO — Talvez.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Não te parece que as suas manifestações tenham sido sinceras?

CHEFE DO PARTIDO DEMOCRÁTICO — Nunca se chega a saber, senhor.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Lidas, ou não, com o povo? Pois que te parece a ti: gostaram, ou não?

CHEFE DO PARTIDO DEMOCRÁTICO — Talvez, senhor; já vo-lo disse. Mas... perdoai: como gostam duma boa tirada num palco, mesmo sem a compreenderem.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Talvez, às vezes, pressintam o que não chegam a compreender claramente... (*Breve pausa.*) Compreendeste tu?

CHEFE DO PARTIDO DEMOCRÁTICO — Não tenho bem a certeza, senhor.

PEDRO DE TRASLÂNDIA (*para o Chefe do Partido Extremista*) — Serás tu que me aplaudas?

CHEFE DO PARTIDO EXTREMISTA — Também sabeis, senhor, que também eu não! Mas por outras razões.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Quais, por exemplo?

CHEFE DO PARTIDO EXTREMISTA — A principal é que não vejo eficácia nenhuma a tais discursos: O povo já se não lembra amanhã do que aplaudiu hoje; e é bem capaz de aplaudir o contrário.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Nunca fazes discursos aos teus partidários?

CHEFE DO PARTIDO EXTREMISTA — Nunca, senhor; pelo menos, desses. O que faço é transmitir comunicações, expor causas e efeitos, dar ordens...

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Também eu hoje fiz uma comunicação ao meu povo! Quanto a dar-lhe ordens, não. Não reuni hoje o meu povo para lhe dar ordens.

CHEFE DO PARTIDO EXTREMISTA — Ninguém entendeu a comunicação de Vossa Alteza, que era demasiado pessoal.

CHEFE DO PARTIDO DEMOCRÁTICO — Também já o disse: ninguém.

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — E eu di-lo-ei agora: ninguém!

PEDRO DE TRASLÂNDIA (*levanta-se, fala com certa excitação*) — Mas aplaudiram-me com sincero calor! Não podeis duvidar do calor com que me aplaudiram. Espero que algumas das minhas palavras lhes tenham chegado ao coração, se não ao entendimento. Amanhã, todos os jornais levarão o meu discurso a todos os cantos do meu reino. Já todos os rádios, hoje, o transmitiram. E todo o meu povo o aplaudirá, porque é o mais sincero que fiz até hoje. O discurso dum homem nu..., percebeis? Todos que não são chefes nem escravos o aplaudirão. Se o não entendestes, vós..., se o não quisestes entender, é porque estais por de mais convictos cada um das suas verdades. (*Volta-se para o Primeiro-Ministro.*) Resta-me ouvir o juízo do meu velho Mestre.

PRIMEIRO-MINISTRO (*adiantando um passo*) — Dissestes o que sentis e pensais, não é verdade?

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Sim, o que sinto e penso. Julgarão alguns que até em demasia.

PRIMEIRO-MINISTRO — Pois não poderei deixar de vos aplaudir. Que pretendi eu sempre ensinar-vos senão o amor da verdade?

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Sei hoje que é um amor arriscado! especialmente para o chefe duma nação. Mas só vos agradeço que mo tenhais inculcado.

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — Permite-me Vossa Alteza que também a esse respeito dê a minha opinião?

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Decerto: embora muito provavelmente já a conheça... Mas não desgosto de mais uma vez ouvir a opinião de vós todos. Tanto mais que... (*Olha-os aos três por um instante, suspenso.*) Bem, podes falar.

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — Vossa Alteza disse: «Tanto mais que...»

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Achei que não valia a pena terminar.

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — Vossa Alteza ama a verdade total: Não se pode ficar pelas frases incompletas.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Tanto mais que vou deixar de vos poder ouvir — eis o que ia a dizer. (*Breve pausa.*) É uma frase enigmática, não é?

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — Muito enigmática; principalmente para quem não conhece os planos de Vossa Alteza.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Breve os conhecereis, descansai. E, sabes tu? sempre gostei de brincar um instante com as coisas terríveis!... (*Torna a olhá-los aos três. Tem um pequeno riso nervoso, baixa a cabeça durante uns segundos. Novamente se dirige ao Chefe do Partido Aristocrático.*) Mas fala. Que pretendias dizer sobre o amor da verdade?

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — Que é um nobre amor. Por isso mesmo, só próprio de nobres. Dizer a verdade..., sempre..., e a todos... — que temeridade, senhor! que falta de senso político! Dizer a verdade a gente inculta, ignorante, desconfiada, boçal, malévola, — gente que a não pode entender, ou só consoante os seus míseros interesses — credes tirar de aí algum proveito?

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Não estarás a insultar os desgraçados?

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — Sei que são desgraçados. Lamento-os. Mas poderia acrescentar que são volúveis, ingratos, falsos, cobardes, venais...

PEDRO DE TRASLÂNDIA — De quem estás a falar? Não há desses, também, no teu partido, entre os que se dizem nobres?

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — Não são nobres. Estão deslocados. Pertencem, na realidade, à multidão infeliz e vil.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Sim, eu já devia saber de quem falas!... (*Breve pausa. Senta-se. Continua.*) Sempre do povo; aquele povo que ainda há pouco me aplaudiu, porque lhe falei com toda a minha boa fé e boa vontade...

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — Falo da maioria dos homens; da massa que é preciso governar, tornar menos infeliz, mas sem lhe dar explicações que não pode entender. A maioria, senhor, é sempre fraca.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Desprezas os homens! é o que sempre tenho verificado.

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — Vejo-os como são.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Tens a certeza disso?

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — A certeza, senhor. Por isso lhes não dou contas da maneira como os procuro tornar relativamente felizes.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Felizes à força! e conforme a tua noção da felicidade que lhes convém.

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — Não há outra que lhes convenha, senhor.

CHEFE DO PARTIDO DEMOCRÁTICO — Senhor! também eu que-
reria dar a minha opinião! Ferve-me o sangue nos ouvidos ao ouvir o que oíço.

PEDRO DE TRASLÂNDIA — Todos podeis dar a vossa opinião.

CHEFE DO PARTIDO DEMOCRÁTICO — Não há dúvida que o povo se mantém ignorante, inculto, grosseiro ou estúpido. Por isso mesmo tanto urge cultivá-lo! Cabe-lhe a culpa de se manter nesse miserável estado? Será esse o seu estado irrevogável e natural? ou não será um natural efeito da vasa em que vegeta? (*Vai-se entusiasmando com as suas próprias palavras, de modo a terminar quase num tom de discurso.*) Com fome e frio, quem se não vende? Sem ideal a que suba, quem se não mostra cobarde ou volúvel? Com a injustiça e a desigualdade continuamente diante dos olhos, quem não odeia ou não traiçoa? Por isso mesmo nos cumpre a nós, privilegiados, dar a mão aos nossos irmãos infelizes! trazê-los ao plano da igualdade e da fraternidade! Fazer deles, em suma, verdadeiros homens responsáveis e livres, para que saibam governar-se através dos seus representantes conscientemente escolhidos...

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO (*com um pequeno gesto de interrupção*) — Ah, Ah!

CHEFE DO PARTIDO DEMOCRÁTICO (*quase violentamente*) — Quê?! que é?

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — Perdoai. Pareceu-me que estáveis cedendo à vossa vocação de orador popular.

CHEFE DO PARTIDO DEMOCRÁTICO — É, ou não, verdadeiro o que digo? Eis o que interessa!

CHEFE DO PARTIDO ARISTOCRÁTICO — No meu entender, não é. E também a mim me poderia ferver o sangue nos ouvidos ao ouvir o que oiço. Mas, primeiro, sou naturalmente mais calmo. Segundo, aprendi a dominar-me. De muito novo me ensinaram que é um sinal de distinção.

CHEFE DO PARTIDO DEMOCRÁTICO — Quereis insinuar que me não educaram? que vim do nada? Pois vim! E disso me gabo. Por minhas mãos conquistei a fortuna, a cultura, a influência. Tenho calos nas mãos! Nunca ninguém me aplainou o caminho, nem nasci com ele aplainado. Mas quero conquistar para os meus semelhantes facilidades que eu não tive...